



OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES INDÍGENAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID - 19

Evandro José de Lima

Secretaria de Estado da Educação de Alagoas SEDUC-AL, Alagoas, Brasil.

evandro.lima@igdema.ufal.br

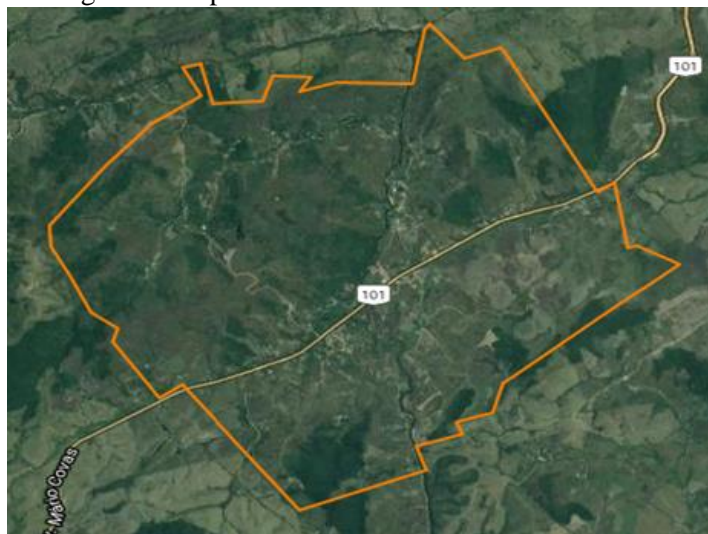
Palestra/Conferência proferida no V Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) e pelo Laboratório de Educação Geográfica de Alagoas (LEGAL), ambos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), entre os dias 01 e 03 de setembro de 2021.

INTRODUÇÃO

Este texto compreende a palestra proferida no V EREPEG, a qual tem como objetivo apresentar e discutir não só a realidade de um professor-indígena de Geografia na comunidade, mas os desafios que são enfrentados por todos os professores indígenas de Wassu no período da pandemia. Os educadores tiveram que se reinventar e aderir às práticas novas, deixando de lado as aulas de campo, visitas a anciões e elaborações de mapas.

Como professor da comunidade indígena da etnia Wassu Cocal, tenho vivenciado os desafios impostos pelos professores neste período de Pandemia de Covid - 19. A comunidade indígena da etnia Wassu Cocal se situa na zona da mata alagoana. A seguir, podemos ver as dimensões de Wassu Cocal (Figura 1).

Figura 1: Mapa dimensional da aldeia Wassu Cocal.



Fonte: www.terrasindigenasdobrasil.org.br

REFLETINDO SOBRE A COMUNIDADE INDÍGENA DA ETNIA WASSU COCAL

A comunidade indígena da etnia Wassu Cocal situa-se às margens do rio Camaragibe, entre os municípios de Joaquim Gomes, Novo Lino, Colônia Leopoldina e Matriz do Camaragibe, a aproximadamente 84 quilômetros da capital, Maceió/AL.

A referida comunidade possui 2.050 habitantes distribuídos em 638 famílias, as quais se dividem em 7 microáreas. Menos da metade da população tem acesso à água encanada e ao saneamento básico.

Figura 2: Lixo jogado nas bananeiras em uma microárea de Wassu



Acervo: Autor (2021)

A supracitada comunidade dispõe de 4 escolas, dentre elas: Escola Estadual Indígena José Máximo de Oliveira, Escola Estadual Indígena Manoel Honório da Silva, Escola Estadual Indígena Professora Marlene Marques dos Santos e Escola Estadual Indígena José Manoel de Souza.

Figura 3: Escola Indígena José Máximo de Oliveira



Acervo: Autor (2021)

Em se tratando de organização, os Wassu Cocal possuem um quadro de 12 lideranças que, juntamente com o Cacique, o Pajé e o Chefe, buscam minimizar os diversos problemas enfrentados pelos indígenas.

Figura 4: Cacique e quatro lideranças Wassu.



Acervo: Autor (2021)

Ademais, todas as lideranças, Pajé e Cacique são índios Wassu. Já no caso do chefe de posto, é um não-indígena indicado pela FUNAI para fazer, juntamente com a comunidade, seu trabalho.

No que se refere aos desafios vivenciados nas escolas da comunidade indígena da etnia Wassu Cocal, inicialmente destacamos a falta de tecnologia e de acessibilidade a aparelhos tecnológicos; a falta de interesse por parte dos

alunos; o pouco estudo; a falta de estímulo dos pais; a não adequação dos profissionais às tecnologias; a falta de investimento e precariedade nos materiais utilizados pelos professores; e a desvalorização do profissional.

O trabalho dos profissionais seria facilitado e com certeza haveria uma melhor interação entre o aluno e o professor caso os estudantes tivessem acesso à internet e a aparelhos como tablet e notebook. Às vezes, falamos nos grupos e os alunos só respondem depois de dois a três dias, outros escrevem no próprio roteiro que estão sem crédito para acompanhar as aulas, ficam estressados com muitas atividades, só que não conseguem fazer a resolução da mesma por falta de internet.

Como a maioria dos estudantes não tem acesso às novas tecnologias, as escolas utilizaram como alternativas dispor de roteiros em formato físico, entregues no período quinzenal. Eles variam entre interdisciplinar (usando um único tema para todas as disciplinas) e multidisciplinar (juntando todas as disciplinas, cada uma com seu assunto). Deixamos resumido, sucinto, usando a realidade do aluno, facilitando a resolução por parte do discente.

A seguir, destacam-se as figuras 5 e 6, nas quais podemos ver o momento da entrega das atividades em modelo físico.

Figura 5: Entrega da atividade para os pais



Acervo: Autor (2021)

Figura 6: Entrega da atividade para os pais



Acervo: Autor (2021)

Outro desafio que se apresenta é a falta de interesse por parte dos alunos. Mesmo o professor planejando um roteiro atrativo para este, nem sempre a meta é alcançada, pois muitos estudantes não dão a mínima para o conteúdo que está sendo trabalhado, não há preocupação de pelo menos ler o material, deixando muitas vezes todas as questões ou boa parte sem responder. Para tentar diminuir essa defasagem, simplifica-se ao máximo o roteiro de estudo, possibilitando, assim, sua resolução pelos alunos que possuem acesso à internet como também aos que não possuem. Além

do mais, é realizado o momento chamado Plantão Tira Dúvida, no qual os discentes podem ir à escola para sanar suas dúvidas com os professores. Vale salientar que esse momento pode ser compartilhado com os alunos que não possuem acesso à internet e também com os que o possuem. Nas figuras 7 e 8, observa-se o Plantão Tira Dúvida realizado na Escola Manoel Honório da Silva.

Figura 7: Momento do Plantão Tira Dúvida



Acervo: Autor (2021)

Figura 8: Momento do Plantão Tira Dúvida



Acervo: Autor (2021)

A respeito do pouco estudo e da falta de estímulo por parte dos pais: alguns pais, por falta de estudo, não dão estímulo nenhum para seus filhos, preocupam-se basicamente com o dinheiro do bolsa família ou com o kit merenda. É certo que isso não é culpa deles, esses responsáveis não tiveram a mesma oportunidade que seus filhos estão tendo, grande parte deles não sabe ler e escrever. Esse conhecimento escolar não foi adquirido porque os pais optaram por não estudar, isso aconteceu porque muitos tiveram que trabalhar logo cedo para ajudar no sustento familiar. Sendo assim, não podem ajudar os alunos na resolução das atividades. Outros fatores que merecem destaque é que muitos desses responsáveis têm celular, só que não possuem internet; outros não têm sequer celular para fazer o acompanhamento adequado desses meninos. Para tentar diminuir essa discrepância, a escola implantou a iniciativa chamada de Buscativa, na qual vamos até essas famílias tentar entender o porquê de os alunos não estarem respondendo às atividades, conscientizar os pais sobre a importância da educação na vida dos seus filhos para que eles tenham futuro menos sofrido do que quando seus responsáveis eram crianças. Observa-se, nas figuras 9 e 10, professores trabalhando na busca dos alunos na microárea Pedrinha.

Figura 9: Momento da Buscativa.



Acervo: Autor (2021)

Figura 10: Momento da Buscativa.



Acervo: Autor (2021)

Outro desafio que se apresenta é a não adequação dos profissionais às tecnologias. Percebe-se que ainda existem profissionais da educação que se contrapõem às novas tecnologias, ignorando-as totalmente. Muitos preferem pagar alguém para criar seus roteiros, recusam-se a aprender o básico de informática como a digitação, vivem ainda no modelo antigo no qual se priorizava o aprendizado por meio de quadro e lápis/giz. Se esses professores decidissem mudar, com certeza facilitaria muito seu trabalho, além de que economizariam bastante ao final do mês. Na sequência, observa-se, na figura 11, o encontro dos educadores da Escola José Máximo de Oliveira para a criação do roteiro interdisciplinar.

Figura 11: Momento da criação dos roteiros de estudos interdisciplinares



Acervo: Autor (2021)

Ademais, destaca-se como desafio, a falta de investimento e a precariedade nos materiais utilizados pelos professores. Nestes termos, evidencia-se que a Secretaria de Estado da Educação de Alagoas exige que os profissionais da educação da comunidade façam roteiros seguindo um padrão estabelecido pelas habilidades da BNCC, só que não fornece material adequado para essa elaboração. Muitas vezes, os educadores têm que utilizar seu próprio recurso a fim de chegar próximo do que está sendo determinado, comprar a própria impressora e papel A4 para fazer a impressão das atividades. A GERE pede que sejam utilizados os laboratórios da escola com o intuito de que os alunos alcancem as habilidades da BNCC. No entanto, como iremos usar algo que não existe? A situação é tão precária que nem biblioteca temos.

Além da infraestrutura nem sempre ser adequada para ministração das aulas, nas salas faltam quadro, ventiladores, armários e existe apenas um Datashow para toda a escola. Ressalvo, também, a falta de capacitações que visem ao apoio pedagógico na elaboração desses roteiros de estudos.

Na figura 12, podemos observar um momento de improviso para que os alunos não fiquem sem aula.

Figura 12: Aula em sala improvisada.



Acervo: Autor (2021)

Além dos desafios explicitados, destacamos a desvalorização do profissional. Vale salientar que o salário do professor indígena está muito abaixo do valor recebido por um não-indígena que exerce a mesma função ou, em muitos casos, trabalham menos que nós. O estado afirma que os da comunidade não podem receber igual aos professores brancos porque estamos trabalhando no contrato antigo, de 2017, e só recebem mais os profissionais da educação que entraram depois dessa data. Isso desmotiva qualquer discente. Como se não bastasse, os educadores de disciplina de Wassu não recebem as horas de planejamento que, segundo a lei, seria um direito nosso.

Além de vários programas que, de acordo com os editais, seriam para todos os professores, mas raramente contemplam os professores indígenas. Como exemplo, temos o Conecta-Professor, sobre o qual fomos informados de que não iríamos participar por estarmos no contrato antigo. O Difícil-Acesso é outro programa em que apenas alguns da comunidade foram contemplados. As figuras 13, 14 e 15 denotam a infraestrutura das escolas da comunidade indígena da etnia Wassu Cocal.

Figura 13: Quadro cobrindo janela quebrada



Acervo: Autor (2021)

Figura 14: Janela demolida



Acervo: Autor (2021)

Figura 15: Sala de aula funcionando sem janela



Acervo: Autor (2021)

Após o término da minha fala no V EREPEG, os participantes do referido evento suscitaram algumas perguntas. A primeira foi: como iremos encontrar esses alunos ao voltarmos para a sala de aula física? Infelizmente, encontraremos esses alunos com um aprendizado irregular, pois alguns conseguiram desenvolver as habilidades propostas e outros não, mesmo diante das estratégias estabelecidas pela escola a fim de nivelar a aprendizagem da comunidade escolar. A segunda pergunta foi sobre os negros, os pobres, os do campo, os com necessidades especiais, todos excluídos nos livros didáticos. Então, a que mundo pertencem? Não sendo representados, como compreender e transformar a realidade? Temos que compreender que, se as minorias não estão inseridas no conteúdo dos livros de apoio estudantil, temos que adequar o que está sendo apresentado nele, facilitando, assim, a compreensão desses estudantes que estão na contramão do que mostra o livro. Como reverter a consciência dos pais e responsáveis sobre a importância da educação na vida dos jovens? Como já foi dito outrora, muitos pais não têm esse pensamento de que estudar vai ajudar o filho no futuro. Para tentar amenizar essa situação, como já foi dito, temos a Buscativa, na qual os professores fazem visita a essas famílias a fim de conscientizá-las. Além dessa iniciativa implantada nas escolas, temos as reuniões de pais, em que a educação na vida dos alunos é sempre tratada. Também sempre procuramos conversar com o próprio aluno, presencialmente ou pelo telefone, para melhor entender o que está se passando para que ele não estude. No último caso é que se aciona o Conselho Tutelar para tomar as cabíveis providências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos temas abordados no decorrer da apresentação, é possível concluir que a defasagem na aprendizagem ocorre por diversos fatores, tais quais: a falta de estímulo por parte dos pais, a falta de valorização por parte dos órgãos responsáveis pela educação na comunidade indígena da etnia Wassu Cocal, assim como demais fatores, os quais, em conjunto, atrapalham o desenvolvimento dos estudantes.

Para sua reflexão: *“quebrar uma vara só é fácil, mas quebrar um feixe de varas é muito difícil!”*. Igor Hebert de Freitas (liderança Wassu).